

NORMAS E INSCRIÇÃO DOS RESUMOS PARA OS GTS - GT-14  
(PRESENCIAL): CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS POÉTICAS  
BRASILEIRAS, PORTUGUESAS E AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**DO RITMO À RESISTÊNCIA: A CONGADA COMO CORPO DE SABERES,  
MEMÓRIA, ORALITURA E EPISTEMOLOGIA AFRO-BRASILEIRA**

*Helder Fernando Canavarros Da Guia (heldercanavarros2@gmail.com)*

Este artigo investiga a Congada como epistemologia encarnada da memória afro-brasileira, concebendo-a como texto expandido que se inscreve no corpo, no ritmo e na ritualidade coletiva, ultrapassando a lógica logocêntrica da escrita. A justificativa da pesquisa se fundamenta na necessidade de reconhecer saberes ancestrais afro-diaspóricos como formas legítimas de produção de conhecimento, em contraponto à hegemonia da colonialidade do saber. O problema de pesquisa que orienta este trabalho consiste em compreender de que modo a Congada, enquanto prática estética, política, pedagógica e religiosa, elabora narrativas de resistência, reinscreve a memória da diáspora africana e afirma uma pedagogia afrocentrada. O objetivo principal é analisar a Congada como dispositivo de enunciação e de produção epistêmica que se realiza na corporeidade, na oralitura e na performatividade, constituindo-se como forma de linguagem ampliada em que o tambor, o canto, a dança e os ornamentos corporais atuam como inscrições de mundo e afirmações de identidade. A fundamentação teórica integra a tradição oral e a oralitura (Hampaté Bâ, 2010; Leda Martins, 2003), a filosofia decolonial (Quijano, 2005; Mignolo, 2020) e os estudos afrocentrados (Asante, 2014; Munanga, 2010; Nogueira, 1985), reconhecendo na corporeidade, na

ancestralidade e na ritualidade coletiva matrizes de conhecimento que desafiam a racionalidade eurocêntrica. Dialoga ainda com a pedagogia crítica e afrocentrada (hooks, 2013) e com a teoria da interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020), evidenciando as interações entre raça, gênero e classe. Por fim, a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001; van Dijk, 2008) permite compreender a Congada como prática discursiva e performática de resistência, memória e produção de epistemologias plurais. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, orientada pela análise crítico-discursiva das performances rituais, dos cantos, gestos e símbolos, entendidos como materialidades significantes e estratégias de resistência cultural. Espera-se como resultado evidenciar que a Congada não apenas preserva a memória coletiva da diáspora, mas também a reinscreve em uma pedagogia viva, comunitária e política, capaz de inspirar práticas educativas voltadas para a valorização da diversidade epistêmica e para a superação das desigualdades raciais e culturais no Brasil. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar os debates sobre memória, identidade e linguagem, reconhecendo a Congada como epistemologia encarnada que articula corpo, ancestralidade e resistência no horizonte de um projeto decolonial.

Palavras-chave: corporeidade; epistemologia afrocentrada; filosofia decolonial; memória afro-brasileira; oralitura.